







BIODIVERSIDADE AMAZÔNICA: riqueza e saída sustentáveis

No mundo globalizado de hoje, aposto na idéia de agirmos em rede. O nosso grande desafio hoje éreinventar a política para o século XXI. Se formos capazes de pensar assim, estaremos vivendo e construindo o partido que é de todo mundo, que é o da defesa do meio ambiente. Todo mundo precisa de ar, de água, de sol.

Mas todos precisam também de governos honestos e competentes.

"NARCISO ACHA FEIO O QUE NÃO É ESPELHO" - disse Caetano. E a gente tende a pensar como ele: se não é parecido comigo, então não presta. A Amazônia é um pouco vítima disso, porque as pessoas olham para São Paulo, vêem aqueles prédios, e chegam no meio da mata pensando que ali é um atraso danado.

Acho que está na hora de fazermos esse encontro, não com a nossa própria imagem diante do espelho, mas com a imagem do diferente, para que possamos traçar o futuro, em comum acordo. Sempre que eu penso na Amazônia, lembro do que já aconteceu no passado com os Maias, os Astecas, os índios. É algo irreversível. Penso em quanto

estamos mais empobrecidos e aviltados, por não termos tido a oportunidade de trocar experiências com aquelas civilizações.

Se ainda tivéssemos nossos cinco

## **MARINA SILVA: testemunho**



milhões de índios, que com certeza seriam hoje 20 ou 30 milhões, quão rica seria nossa cultura! Mas nós os massacramos. E isso dá uma dor danada, pois não dá mais para trocar com eles.

o BRASIL E O SAPO - Certa vez, diz uma parábola, um menino cujo pai era carpinteiro fez um barquinho. E ele não via a hora de botar o barquinho para navegar. Só que a correnteza levou seu barquinho e ele voltou para casa chorando. Um belo dia, o menino viu seu barquinho à venda numa loja. Ele entrou empinando o nariz e disse: "Esse barquinho é meu e quero ele de volta". O dono retrucou: "Não senhor, passou por aqui um garoto e me vendeu o barco. Se você o quiser, compre".

Ele foi para casa, trabalhou, ajudou o pai, juntou o dinheiro, voltou na loja e comprou o barquinho. Chegou em casa, colocou-o em cima da mesa e disse: "Barquinho, tu és meu agora. E é meu duas vezes: porque eu te fiz e porque te comprei".

Da mesma forma, a Amazônia, o meio ambiente, o século XXI e o futuro são nossos, porque Deus nos deu de presente. Mas eles precisam ser comprados novamente. Não basta ter o barquinho e colocá-lo na correnteza. É preciso aprender como preservá-lo, para que sejamos contemplados pelo nosso agir e não pela relação espontânea. E temos que aprender a tratar como particular e único aquilo que é de todos.

Há uma frase de um poeta americano chamado Neo Buscarle, que me ensinou muito. Ele diz que nós, seres humanos, somos como anjos de uma só asa. E que a gente só consegue voar quando está abraçado. Então, as grandes causas nunca podem ser a causa de um só indivíduo,

No Brasil, já existem muitas leis personalizadas. A gente precisa fazer com que a sociedade seja a mãe da criança. Lá no Acre, estou sempre dizendo que não devemos fazer o governo para as pessoas, mas com as pessoas. Embora eu seja uma senadora da oposição, em muitos momentos, para aprovar as leis, tive que ir pela iniciativa do governo. Tive que conversar com o presidente Fernando Henrique Cardoso e foi através dele que aprovamos o projeto de lei.

Nesse agir em rede, não precisa que a gente seja o pai da criança. Basta que a criança nasça e seja bem nutrida, e que as pessoas possam dizer: "Nossa, que criança bonita!" Aí, lá no fundo do coração, a gente diz que é o pai. Se, de lambuja, a gente puder andar de mão dada com ela na calçada, ótimo. Penso que assim a gente aprende a ser anjo de uma asa só para voar quando estiver abraçado.

Senadora pelo PT/Acre